



HOMOSSEXUALIDADE E ESCOLA: A PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO NAS RELAÇÕES SOCIAIS

Ricardo Andrade Coitinho Filho¹

Resumo: Este artigo procura fazer uma discussão acerca dos perfis de masculinidades e de feminilidade, que produzem assimetrias sociais e violência, sendo esta última compreendida em sua polissemia e para além da agressão física. A partir da visão de jovens homossexuais acerca de suas experiências no Ensino Médio, levanta-se uma discussão sobre a homossexualidade na escola, e mais profundamente sobre a homofobia. Destaque é dado ao estereótipo do “gay” e da lésbica, apontado pela visão “nativa” como predicado saliente, sendo a performatividade de gênero um atributo relevante na caracterização deste indivíduo dentro de uma identidade.

Palavras-chave: masculinidade, homossexualidade, escola, performatividade de gênero, estereótipo.

O objetivo deste artigo é compreender como homens jovens, moradores de Cabo Frio, que se identificam como gays e que frequentam grupo de militância LGBT, pensam os múltiplos significados sobre violência, a partir das relações de suas vivências no ambiente escolar. Intenciona-se apreender como a partir das interações destes com outros sujeitos na escola são formulados os sentidos para o termo em questão.

Para tanto foi realizado trabalho de campo em uma ONG (Organização Não Governamental), grupo de militância LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros) em Cabo Frio, o Grupo Iguais. Este grupo foi escolhido devido às atividades que vem realizando junto a sociedade, no combate a homofobia, e por ter estado aberto ao espaço de discussão. Além disso, foram feitas entrevistas de caráter semi-estruturadas com jovens entre 18 e 26 anos que frequentam esse grupo. Foram

¹ Licenciado em História, especialista em Cultura Afro-Brasileira e em Gênero e Sexualidade, mestrando em Ciências Sociais pelo PPGCS- UFRRJ. andrade.his@hotmail.com

entrevistados três jovens, sendo dois do sexo masculino e um do sexo feminino, todos se identificando com gays e lésbica, respectivamente.

Vale ressaltar que estes jovens se percebem como “afeminados” no que se refere aos gays, e “masculinizada” no que se refere à lésbica, e apontam este fator como determinante para que se sintam estigmatizados em suas vivências diversas, como na família, na igreja e ao andar pela rua. Segundo os mesmos, este estigma culminaria em formas de violências mais específicas, como a discriminação e o preconceito.

O que se pretende é apreender as percepções destes entrevistados sobre como o fato de serem gays e lésbica lhes causou situações de violência na escola. Intenciona também, caracterizar esta escola, que foram diferentes de acordo com a vivência de cada um, na medida em que esta não é algo fechado, não são muros e professores, mas antes um espaço composto por pessoas de diferentes formações e opiniões e que vão se relacionados de acordo com estas.

Desta forma, desejo compreender como as práticas relacionais são vistas, entendidas e vivenciadas por estes pesquisados, na medida em que se naturaliza um perfil em detrimento de outras possíveis formas de apresentar a sua masculinidade e feminilidade, e a sexualidade, feitas através de práticas e discursos muitas vezes vivenciados no espaço escolar.

1- A produção social da diferença

Às sociedades, configuram as suas formas específicas de classificar, produzindo e reproduzindo hierarquias e atenuando as assimetrias a partir de vários marcadores sociais, como classe, raça, etnia, cor, geração, gênero, sexualidade, entre outros. Essas hierarquias procuram se manter a partir da coesão de um grupo, e se estabelecem ao longo da História.

Elias e Scotson (2000) procuram analisar este processo de relações verticais a partir de um contexto relativamente pequeno². Essas relações verticais, são relações que

² Winston Parva era uma pequena comunidade, composta por dois grupos antagônicos, uns que se haviam estabelecido na região há mais de duas gerações (os “estabelecidos”), e que por isso, mantinham uma coesão entre si, em oposição a indivíduos ou famílias recém-chegadas, e que por não manterem a mesma coesão, eram excluídas do “círculo de relações” mantido pelos demais (os “outsiders”). Essa situação, aparentemente simples, demonstra a forma com que as hierarquias se produzem nas sociedades, o que os autores irão caracterizar de “a sociodinâmica da estigmatização” (Elias e Scotson, 2000, p. 23).

vão se construindo a partir da legitimação/valorização de um perfil que se construiria em detrimento de outros, que seriam remetidos a avaliação pelo modelo legitimado. A sociedade, através de seus atores sociais, ao classificar as coisas, bem como as pessoas, cria perfis a partir de um modelo binário, entre o que é bom ou ruim, permitido ou não, aceito ou não, entre outras formas de classificação. Entretanto, de que forma um grupo procura se legitimar em relação ao outro, mantendo assim a relação “estabelecidos – outsiders”?

E como conseguem introduzir e manter esta relação?

O grupo estabelecido sente-se compelido a repelir aquilo que vivencia como uma ameaça a sua superioridade de poder [...] e a sua superioridade humana, a seu carisma coletivo, através de um contra – ataque, de uma rejeição e humilhação contínuas do outro grupo. (Elias e Scotson, 2000, p. 45).

As formas que os grupos encontrarão para manter esta situação de legitimidade serão relevantes ao contexto específico em que estes indivíduos estão inseridos. Este poder é muitas vezes traduzido através de regras julgadas em referência a uma dialética entre bom-ruins, benéficos/maléficos, corretos/errados e outros meios classificatórios. Desta forma é preciso atentar “às ambiguidades que surgem ao se decidir quais as regras devem ser tomadas como o padrão de comparação com referência ao qual o comportamento é medido e julgado desviante” (BECKER, 2008, p. 21). Conclui-se, portanto, que essas regras seguem a interesses de conflitos políticos que favorece “uns” em detrimentos de “outros”. São instituídas a partir de um padrão normatizador, que objetiva garantir a hegemonia dos interesses dominantes, a partir da obediência às regras impostas, logo é *construído* pela sociedade, de acordo com a sua dinâmica. E quem infringe a tais regras se tornará um “outsider”.

É preciso, no entanto, compreender o que vem a ser o estigma ³, já citado neste trabalho e que se apresenta como peça central na relação estabelecido – outsider. Para tal, Erving Goffman aponta que o conceito de estigma é

Usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem [...] Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo. (2008, p. 13).

³ Erving Goffman (2008), ao caracterizar o conceito de estigma, procura a origem da palavra nos povos gregos, que ao se basearem em recursos visuais, sinalizavam através de cortes ou fogo no corpo das pessoas, quando estes representavam algo de mau ou de extraordinário. Esta era a finalidade do estigma, marcar uma pessoa para que todos soubessem que ela deveria ser evitada. E a marca no corpo desta pessoa – que é o estigma –, garantiria a eficácia do processo de exclusão imputado a determinado indivíduo. Nesta obra, Erving Goffman, ao trabalhar o conceito de estigma, procura fazê-lo a partir da questão do desvio. Para tal, ele empreenderá os conceitos “normal” referindo-se aos que não se afastam negativamente das expectativas sociais, e “estigmatizado”, sendo o que sofre as ações empenhadas de exclusão e ostracismo social. O termo “normal” não será empregado neste trabalho, a fim de que não dê margem a interpretações normativas.

O estigma apresentado por alguém serve, portanto, para diminuir o indivíduo ou o grupo a qual “pertence”, quando não até mesmo desumanizá-lo. A sua pujança é garantida através de determinadas práticas empenhadas pelos “estabelecidos” em que procuram caracterizar, e até a caricaturar, os indivíduos que se encontram numa posição de “outsiders”. Entre estas formas, podem ser mencionadas a fofoca, a injúria, o ostracismo, o uso da piada e da violência, sentida essa de muitas formas.

Compreendendo este processo de estigmatização, é digno de nota enfatizar que a relação entre os que estão “seguindo o padrão hegemônico” e os que “estão disformes das normas hegemonicamente apresentadas”, ou como diria Elias e Scotson os “estabelecidos” e os “outsiders”, “não são pessoas, e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas” (GOFFMAN, 2008, p. 149). Perspectivas que se criam e se perpetuam após gerações e que se solidificam como base uniforme para toda uma sociedade, desconsiderando a sua diversidade, e desta forma produzindo e reproduzindo desigualdades sociais.

Entre tais perspectivas, há a questão do gênero e da sexualidade que tem a sua imagem impregnada, ou como diria Goffman, uma “perspectiva” acerca de como os “machos”, bem como as fêmeas, devem se apresentar e se comportar socialmente.

2- Os gêneros e a performatividade

Partindo de um conceito determinista biológico, há toda uma construção de como homens e mulheres devem se portar. Desde as brincadeiras na infância, ao uso de roupas e acessórios na adolescência, bem como as preferências sexuais até a fase adulta, homens e mulheres são controlados para viverem de acordo com o perfil a que lhe é atribuído. A imposição social é que se é homem deve ser macho, se é mulher deve ser fêmea, e deve ajustar-se ao que o seu corpo apresenta biologicamente.

Um modelo hegemônico de masculinidade “define o masculino como a ‘forma acabada’ da pessoa” (ALMEIDA, 2004, p. 174), e desta forma, produz hierarquias, entre as várias masculinidades possíveis de ser apresentadas socialmente. Desta forma, quanto menos associação que se fizer ao feminino, maior será a *qualidade* do homem enquanto macho. O mesmo acontece em relação ao feminino, em que as mulheres não devem se apresentar como os homens. Existem ainda outras formas de classificação acerca da masculinidade analisada por Almeida como ser “‘trabalhador’, ‘pobre’,

‘marido’ ou ‘amigo’” (2004, p. 181). Porém, este trabalho irá se concentrar no aspecto referente aos atributos e performances do gênero.

As masculinidades e feminilidades são construídas e constantemente reconstruídas, na medida em que o indivíduo interage com o meio e nessa perspectiva, os homens apresentam uma gama de características corporais, por exemplo. Estes movimentos corporais “da mesma forma que a pronúncia de uma palavra ou o silêncio numa conversa [...] nunca são neutros ou indiferentes” (LE BRETON, 2009, p.39). Desta forma, gestos e posturas representam todo um discurso feito pelo indivíduo e nessa perspectiva, fala com/sobre ele. Esta análise de Le Breton acerca da produção de significados nos movimentos corporais encontra diálogo com o que Judith Butler identifica como a marcação do corpo pelo performativo, “no sentido de que a essência ou a identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos” (2010, p. 194). As formas de se expressar, sempre remetem a uma classificação daquele indivíduo, em relação aos modelos binários categorizados na sociedade. Esse performativo, nunca é algo estático, fixo, ao contrário, assim como o gênero, é criado a partir de contínuas relações do indivíduo com o meio.

Pensando essas performances de gênero, dois entrevistados apontaram, por meio das entrevistas, como eles se percebem em relação a dimensão do corpo, em relação a si e em relação ao outro, respectivamente. “*Eu sou machona mesmo, mas não é porque eu sou lésbica. É de mim mesma. Eu sou assim, porque sou. Sei lá, sou assim desse jeito mesmo*”. (Naty, lésbica)⁴. A Naty, apontou uma questão central quando se refere a gênero e sexualidade, que é diferença entre um e outro e que estes não acompanham uma “lógica”, no sentido de que ser lésbica, necessariamente indica que tem que ser masculinizada. Por outro lado, há que se considerar que estas performances não são estáticas, como já dito. “*Eu não me acho ‘pintosa’.* Tem gente que é mais do que eu. (Eduardo, gay). O Eduardo, aponta outra questão central, que é a referência em relação ao que é ser afeminado ou não. Para ele, ele não era [tão] afeminado, devido a outros homossexuais que se apresentam mais afeminados.

Esses atributos do gênero, ao serem performativos, desestruturam as relações binárias do que é ser masculino e feminino. Nesta medida, quais parâmetros são

⁴ Todos os entrevistados decidiram usar apelidos próprios dos seus nomes. Quando mencionado que eram apelidos que deveriam escolher para preservar a identidade, foi apontado pelo Kadu, e mantido pelos demais, que enquanto militantes do movimento LGBT, uma das principais plataformas de política, era a afirmação da identidade gay, e lésbica, consequentemente. “Uma vez saído do armário, agora eu sou eu, e não preciso me esconder” (kadú, gay). Esses jovens fazem parte da militância, e desenvolvem atividades voltadas para o combate a homofobia.

considerados em relação ao ser masculino/feminino? De que forma estas foram criadas e estabelecidas?

Importante a salientar é que as formas performativas de se conceber as masculinidades e feminilidade , são formas de se regular um padrão único de masculinidade e feminilidade e através deste, hierarquizar. A questão do sexo, da sexualidade e da representação do indivíduo perante a sociedade, sempre foi uma questão normativa, a fim de que se pudesse regular as práticas e comportamentos sociais mesmo em âmbito privado.

Neste ponto, Butler ainda considera que “toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla” (2000, p. 153). E esta diferenciação é proporcionada pelo padrão hegemônico de masculinidade, o qual Connell considera como uma forma “árdua para corresponder à norma masculina” (1995, p. 190), isso pelo fato de que a cultura tanto cria como “privilegia” (CONNELL, 1995, p. 201) o modelo dominante de masculinidade.

Essa masculinidade é apresentada por homens de forma independente de outras questões engendradas no sujeito. Há várias formas de se viver a masculinidade, identificáveis através do discurso corporificado, presentes em homens que mantêm práticas heterossexuais, bissexuais ou homossexuais. O perfil de masculinidade subjuga a partir dos padrões de gênero, em que o macho deve se exaltar, e mostrar-se distante do feminino, tanto performaticamente quanto sexualmente. E o que dizer em relação ao feminino? As mulheres, também seguem um padrão de feminilidade imposto, principalmente remetendo a ideia de reprodução e criação. Pensando estas questões, o que dizer sobre a homossexualidade de homens e mulheres, numa sociedade que aponta estes fatores como fora do padrão do ser macho e ser fêmea?

Se há hierarquias entre os homens em si, a partir de seus padrões de masculinidade , bem como entre as mulheres, muito embora talvez não apareça da mesma forma que os homens, mas como se umas fossem mais mulheres do que outras, é neste ponto que a homossexualidade, nesta interseção se apresenta como elemento chave.

Ao se criar um perfil hegemônico de comportamentos e práticas de acordo com o gênero, abre-se o espaço para as hierarquias produzidas entre os homens e mulheres e suas práticas sexuais exercidas. Logo, a homossexualidade, já ornamentada por um discurso estigmatizante, passa a ser vulnerável às desigualdades e hierarquias

produzidas pela sociedade. Através de mecanismos, já mencionados acima, como a fofoca, a injúria, as piadas entre outros, se tem garantido a manutenção desta imagem inferiorizada que se fazem acerca da homossexualidade de uma forma geral.

A 'bicha louca', essa imagem difundida em inúmeras piadas e peças de bulevar é o caso limite do homossexual que aceitou fazer tudo para corresponder à caricatura que dele fazem os que o oprimem [...] satisfazendo todas as expectativas expressas na visão heterossexual da homossexualidade. (POLLAK, 1986, p. 68).

3-O gay e a lésbica: estereótipos e uma “imagem” construída

Que práticas, desejos, comportamentos, discursos esta comporta? E o que dizer da heterossexualidade? A imagem que se faz da homossexualidade hoje tem uma história, e foi construída no século XIX, em meio a preocupações em como considerar esta prática: um crime conforme o código civil prussiano, um pecado como pregado pela Igreja ou uma doença, a qual estaria o sujeito praticante deste ato passivo ao que a natureza lhe reservou? Muitas ideias e teorias foram suscitadas ao longo da História, mas não faz parte deste projeto analisá-las. Apenas mencionar que houve toda uma construção social acerca do que é a homossexualidade, e logo o seu oposto a heterossexualidade. Essa bipolaridade entra em evidência quando se percebe o perfil normativo que a sexualidade tem como debate na sociedade. Vale ressaltar ainda, que todas estas ideias ainda estão engendradas no pensamento popular, embora a última justificativa destas, que foi a de que a homossexualidade seria uma doença, já tenha sido abolida como patologia desde o século XX.

Ao analisar sobre a homossexualidade de homens no Brasil, Peter Fry indica que os machos se dividem em “homens” e “bichas”. “Enquanto o ‘homem’ deveria se comportar de uma maneira ‘masculina’ a ‘bicha’ tende a reproduzir comportamentos geralmente associados ao papel de gênero feminino”(1982, p. 90). Isto se traduz tanto na performatividade que é apresentada por estes machos quanto em seus comportamentos sexuais, ativo ou passivo. Tantos os comportamentos sexuais quanto os papéis de gênero, indicam uma clara divisão antagônica entre o mundo masculino (macho com imagem de macho e ativo) e o mundo feminino (macho com “trejeitos” femininos e passivo) ⁵.

⁵ Essa associação presente no senso comum entre os comportamentos sexuais e os papéis de gênero não fazem sentido, uma vez que o desejo, o comportamento sexual (ativo/passivo) e a expressão corpórea de gênero são disformes e não necessariamente seguem uma “lógica” dualista que reproduz a sexualidade em masculino e feminino.

Neste processo, há uma imagem estigmatizada em relação a ser homem gay, bem como a ser lésbica na sociedade brasileira, primeiro porque é visto como um pecador, ou no mínimo um doente, de acordo com o senso comum, e em segundo é porque é visto em relação ao “mundo feminino” e masculino, respectivamente (WELZER-LANG, 2001, p. 465), ou seja, fora do padrão de gênero propagado ao “macho” e a “fêmea” na sociedade ⁶.

Esta forma de perpetuação da imagem do homem e da mulher gay faz com que as práticas homossexuais sejam sempre vistas como inferiores, contra a natureza, anormais, ilegítimas, objetivando legitimar as práticas sexuais apenas entre pessoas do sexo oposto em detrimento das primeiras. A respeito desta estratificação sexual em que, através de uma linha imaginária, classifica o sexo entre bom e mau, a antropóloga Gayle Rubin, aponta que a homossexualidade se encontra entre as sexualidades condenadas. Ao analisar os sistemas de parentesco, apontou que a produção da heterossexualidade se faz com o objetivo de oprimir tanto a homossexualidade quanto “alguns dos traços de personalidade”, criando um encorajamento da primeira em oposição à segunda. (1993, p. 12).

Mas de que forma esta estratificação do sexo consegue eclodir sua voz, alegando que o comportamento certo no sexo “é a colocação do pênis na vagina” (RUBIN, 2003)? Que mecanismos são utilizados para produzir as diferenças e justificar um único padrão como sendo o melhor?

Estas questões merecem destaque, principalmente por saber-se que a consequência já está amostra: uma “apartheid sexual” (RUBIN, 2003) que produz e reproduz desigualdades, hierarquias e diferentes formas de discriminação na sociedade. Assim, é digno de nota observar que

sanções econômicas, pressões familiares, estigma erótico, discriminação social, ideologia negativa e a escassez de informações sobre comportamentos eróticos servem todos para dificultar as pessoas de fazerem escolhas sexuais não convencionais. Há certamente coerção estrutural que impede a escolha sexual livre, mas elas [...] operam para coagir todos em direção a normalidade. (RUBIN, 2003).

No que tange a homossexualidade, toda esta imagem que a compõe e os processos de estigmatização e discriminação já são sabidos antes mesmo de se consolidar uma identidade homossexual ou mesmo de praticar atos sexuais entre

⁶ Este trabalho vem chamando atenção maior a temática de masculinidade e homossexualidade, pois desde o início o objetivo era uma discussão para esta temática. Entretanto, no campo surgiu uma lésbica, que se encaixava na discussão, e que também apontava o estereótipo do gay e da lésbica, através de seus atos performativos, como elemento relevante na promoção da discriminação por preconceito. Assim, foram consideradas as suas colocações, entretanto, este trabalho não se apoia numa discussão teórica sobre a performatividade masculinizada de lésbica, muito embora parta de um ponto em comum.

pessoas do mesmo sexo. É como se existisse uma linha, imaginária, que determinasse o limite das práticas, diferenciadas entre as certas e erradas. Ao se legitimar a heterossexualidade como a forma sadia e correta de sexualidade, é como que se produzissem dois polos: de um lado o da sexualidade matriz, hegemônica, e de outro lado, bem oposto o das sexualidade periféricas, cabendo neste polo todas as variações sexuais que não se harmonizam com o perfil heteronormativo. Para além de alocação, essas classificações resultam em práticas estigmatizantes que, hierarquizam e subjulgam quanto mais este se distancia do perfil matriz.

Didier Eribon (2008) faz uma importante consideração a esse respeito ao considerar a questão da injúria. Ao se proferir a palavra “viado” para um homem gay (ou para um homem heterossexual), não se está apenas lançando uma palavra, mas inferiorizando-o por uma característica má vista na sociedade, atribuindo a este indivíduo uma má qualidade, sendo esta expressão carregada de significados que pesam sobre ele, indicando inclusive algo que ele deveria não ser, ou ter vergonha de sê-lo. É como que se estivesse dizendo ao indivíduo “‘Eu te assimilo a’, ‘Eu te reduzo a’” (ERIBON, 2008, p. 29), como que tendo em suas mãos o poder de lhe reduzir a vergonha que o cabe. Como um “outro” distante; distante do que é o “certo”, “coisificado”.

Neste respeito, um dos entrevistados cita uma passagem que remete bem a esse contexto: “*Quando ele gritou do carro, olha a bichinha e as amiguinhas dela, eu fiquei com medo deles virem bater na gente.*” (Eduardo, gay). Nesta fala tinha um peso ao se referir a ele, o termo *bichinha*, que além de referir a este, remetia a sua sexualidade, inferiorizando-a. Outra situação vivenciada, também nos ajuda a compreender estas situações: “*Uma vez, eu estava com o meu namorado, e eles me tacaram casca de laranja. Passaram de dentro de um carro, e me tacaram. Sabe, aquilo me deixou muito mal. Podia ser uma pedra, se eles estivessem com uma pedra na mão. E porque isso?*” (Kadú, gay). Assim, assumir uma identidade gay, apresentar-se como tal, isto é, de encontro com o que se requer em virtude do gênero que se atribui, como no caso dos entrevistados, se torna um desafio.

É como que se fosse necessário manipular uma identidade, manipular a si para não estar disforme do que se lhe espera, do “polo sexual e de gênero” que lhe é julgado como “pertinente”. Nesse “jogo” de manipulação da identidade, “kadú” apresenta uma fala que remete a esta ideia, onde ao ser perguntando sobre os atos performativos do gay, conhecido como efeminado que dá “pinta”, diz que não se considera “pintosa”, ou

seja, que não apresenta os traços do gay afeminadinho, e após uma risadinha ao fundo, reflete e diz: *“Eu sou o que eu quiser, depende da situação, né. Aqui é diferente, com os amigos, mas na rua eu sei me comportar, sei me impor.”* (Kadú, gay). Assim, vai se apresentando de acordo com os lugares e pessoas, como que “controlando” o seu corpo, a fim de que este seja aceito.

Para muitos a saída é manter uma identidade oculta, procurando se livrar de qualquer possibilidade que possa fazer alusão ao feminino e/ou a homossexualidade, e ao masculino no caso das lésbicas. Mario Pecheny (2004) e Didier Eribon (2008), ao considerar sobre a descrição das identidades homossexuais, face ao processo social de estigmatização, aponta a “capacidade de simular” e “dissimular” para garantir proteção das inúmeras formas de violência sofrida por homossexuais, desde as formas simbólicas até as agressões físicas. O processo de “coming out”, isto é, assumir-se, envolve várias questões sociais, podendo durar muito anos, ou até a vida toda, de modo a produzir um constante (re)aprendizado da simulação. É o que Goffman (2008) aponta como uma “dupla biografia”, em que este homem gay representa diferentes identidades, de acordo com as circunstâncias – uma para o âmbito público e outra para o privado.

Neste respeito, duas situações são apontadas pelos entrevistados: “Eu vivia dentro do armário. Vivi por muitos anos. O que eu podia fazer?” (Kadú, gay). Eduardo também lembra uma outra situação: “Meu pai até hoje não sabe. Eu tenho um amigo, que o pai dele tentou matar ele, ele nem disse pro pai que era gay. Não chegou e foi se assumir. E mesmo assim, o pai dele tentou matar ele. Acho que foi pelo jeito dele, aí o pai dele ‘sacou’”. (Eduardo, gay). Assim, o que se procura é escapar de uma classificação hierárquica que remete a ideia de inferioridade por não se enquadrar no perfil matriz.

4.4-Escola e homofobia.

A escola vem se consolidando como um espaço composto pela diversidade, visto que trabalha com um público composto, por homens e mulheres, que assumem diferentes identidades sexuais, raça, classe social, geração, religião, e etc.

Neste íterim, como se dão as relações sociais entre homens e mulheres homossexuais para com os demais membros da comunidade escolar?

A partir das entrevistas, se procurou focar a visão destes jovens para com as dinâmicas sociais vivenciadas por estes, tendo como questão central a

homossexualidade e a homofobia. Segundo Eduardo, *“Na escola, a minha relação com os colegas era tranquila. [Mas] eles não sabiam sobre a minha homossexualidade [...] se soubessem, acredito que prejudicaria por alguns colegas da escola que se mostravam homofóbicos”* (Eduardo, gay).

O que comporta essa homofobia, tão repudiada pela militância e polemizada pela mídia?

A homofobia⁷ vem sendo praticada como forma de “engessar” (WELZER-LANG, p. 465) um modo único de masculinidade e de inferiorização da feminilidade e da homossexualidade. Esse termo compreendia às diversas formas de violência voltadas a população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), entretanto, numa busca de classificação de uma violência específica para cada identidade representada pelas letras LGBT, na militância tem sido empregados os termos homofobia para gays, lesbofobia para lésbicas, e transofobia para as transexuais e travestis⁸.

A prática de violência contra gays e lésbicas, por motivação de preconceito procura se perpetrar na sociedade, através de várias instituições que sutilmente naturalizam o modelo hegemônico de “se viver”. A escola, que lida com uma clientela diversificada, é uma delas.

Como ilustração, será utilizado o exemplo de Silva e Soares (2003), que ao fazerem um paralelo entre a escola e a TV, mostram as suas dessemelhanças apontando que a primeira se mantém conservadora a ponto de reproduzir a mesma tradição, ao passo que a segunda se atenta ao perfil dos seus consumidores. Há a diversidade, mas a escola não a valoriza, ao contrário, se baseia em uma verdade singular, a sua própria, construída. Tornando “excêntrico” (LOURO, 2003, p. 44), ou fora do centro, o que não se comporta em seu padrão. Utilizando-se de “processos educativos” que “envolvem estratégias sutis e refinadas” (MEYER, 2003, p. 17) de atenuação das diferenças e de (re)produção das desigualdades.

A partir de uma classificação dos sujeitos “pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias

⁷ O termo homofobia será usado neste trabalho como preconceito, discriminação e violência específica contra homossexuais, devido ao fato de vários autores utilizarem este conceito; entretanto há uma discussão teórica que permite mais aprofundamento no tipo de violência sofrida pelos homossexuais, diferenciando homofobia de violência por preconceito. Carrara expõe esta discussão em: Carrara, Sérgio, [et al] **Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade v. 3**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília, DF: Secretaria de Política para as Mulheres, 2010.

⁸ Neste trabalho, será utilizado o termo homofobia e lesbofobia, referente às práticas de violência diversas a gays e lésbicas, respectivamente.

formas com que se expressam” (LOURO, 2000, p. 15) é que se mantém eficazmente um “ideal regulatório” (FOUCAULT APUD BUTLER, 2000, p. 153), em que normatiza não só as práticas sexuais dos indivíduos, como também uma performatividade apresentada por estes, controlando os seus corpos, de modo a hierarquizá-los socialmente. A escola, ao reproduzir este proceder regulatório da sociedade, compartilha um sistema hierárquico, sem atentar de que forma este proceder afeta os seus alunos e o processo ensino-aprendizagem destes. Sem considerar que circunstâncias promovem aos seus alunos na medida em que estes ou silenciam-se ou sofrem as consequências de não se comportar a esta, de não estar “a altura da normalidade” ali presente.

Seria oportuno verificar “por que e como nossa cultura privilegia uma [sexualidade] e marginaliza – quando não discrimina – a outra” (WEEKS, 2000, p. 49), porém a escola reproduz o pensamento social e vivencia práticas discriminatórias contra os homens homossexuais presentes nela. Discursos e práticas homofóbicas são recorrentes. Não só entre os alunos como também entre os professores. Felipe e Bello (2004) apontam como desde a Educação Infantil – nível da Educação Básica que compreende alunos de 4 a 6 anos) – são diferenciados o que é pertinente ao masculino em oposição ao feminino, levando, inclusive, ao menino que procura brinquedos ou brincadeiras de menina e vice-versa, a compreender que aquilo não *pode* e não *deve* fazer parte do universo dele, sendo “constantemente vigiados e instigados” (MEYER, 2004, p. 227) ao *proceder “correto”*.

Borrilo (2009; 2010) e Junqueira (2004) ao analisarem sobre os processos homofóbicos, bem como os lesbofóbicos, na escola, apontam que esta se perpetua sob diferentes óticas e por várias estratégias, sendo inclusive “consentida e ensina” (LOURO APUD JUNQUEIRA, 2004, p. 16) pela mesma. Desde a piada, o silêncio, a tolerância e a agressão, os homens e as mulheres homossexuais são sujeitados a uma condição inferior, produzindo um “apartheid” com a finalidade de “conservar a supremacia em normativa da heterossexualidade” (BORRILLO, 2009, p. 39). Entretanto, essas estratégias estão tão legitimadas, que muitas vezes, não são percebidas.

Na escola nunca sofri homofobia” – quando perguntado sobre o que ele entendia por homofobia e violência, ele continuou: “Ah, sim, quero dizer que nunca fui agredido, sabe. Só agressões leves.” – E mais uma vez quando questionado sobre o que entendia por “agressões leves”, respondeu: “Assim, me chamavam de bichinha, de veado... mas nada de agressão” – o que me levou a entender, que não houve uma agressão física.(Eduardo, gay).

Mesmo este jovem sendo militante, e trabalhando numa campanha de combate a homofobia, através de seu grupo de militância, ainda assim, foi difícil problematizar o conceito de homofobia, vista muitas vezes apenas como as agressões físicas que aparecem na mídia, através de jornais, internet e telenovelas. Entretanto, para além dessas formas de agressão que marcam, existem outras que também causam dor, e que embora possam não aparecer às vistas, estão sendo praticadas contra gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais.

Essas outras formas de agressão, podem se dar em diferentes espaços, como na escola, onde esta se configura e de modo sutil se opera. Assim, cabe ressaltar que a diversidade composta na escola, deve ser valorizada pela sua pluralidade, bem como pela singularidade de cada um, promovendo ações que orientem os que a compõe a manter relações uns para com os outros, livre de qualquer forma de violência, seja esta física ou sutil.

Para tal, é preciso repensar os significados atribuídos ao conceito de violência. Problematizar a concepção acerca destes, bem como as práticas que se enquadram como tal. Violência e homofobia, não podem se engendrar em uma apreensão estática, numa formulação simplória, que comportam apenas gráficos e estatísticas. É preciso, portanto, entender violência para além da agressão física, e homofobia não apenas como sendo agressões direcionadas aos gays, feitas através da linguagem verbal ou física. Ambas precisam ser configuradas também a partir de situações que estão sendo praticadas de forma sutil, sejam estas através de piadas, injúrias, e cerceamentos de direitos. É preciso portanto, empregar a polissemia desses termos, a fim de combatê-los.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Miguel Vale do. **Gênero, masculinidade e poder. Revendo um caso do sul de Portugal.** In _____ **Outros Destinos. Ensaios de Antropologia e Cidadania.** Porto: Campo das Letras, 2004.
- BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia.** In LIONÇO, Tatiana. **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio.** Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009.
- _____. **Homofobia: História e crítica de um preconceito.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”** In LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- _____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** : Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CONNELL, Robert W. **Políticas de masculinidade.** Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185 – 206, 1995.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro, Zahar, 2000.
- ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FELIPE, Jane, BELLO, Alexandre Toaldo. **Construção de comportamentos homofóbicos no cotidiano da Educação Infantil.** In _____ **Diversidade sexual na Educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2004.
- FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Homofobia nas escolas: um problema de todos.** In _____ **Diversidade sexual na Educação: Problematizações sobre a homofobia nas**

escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2004.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da Sexualidade** In _____ **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____ **Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excentrico”.** In _____ [et al] **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Rio de Janeiro: Vozes: 2003

MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero e educação: teoria e política.** In LOURO, Guacira Lopes [et al]. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Rio de Janeiro: Vozes: 2003

_____ **Corpo, Violência e Educação: uma abordagem de gênero.** In _____ **Diversidade sexual na Educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2004.

PECHENY, Mario. **Identidades Discretas.** In RIOS, Luís Felipe [et al]. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

POLLAK, Michael. **A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto?** In ARIÉS, Philippe e BÉJIN, Andre. **Sexualidades Ocidentais: Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

RUBIN, Gayle. **Tráfico de mulheres: Notas sobre a “Economia Política” do sexo.** Recife: S.O.S Corpo, 1993.

_____ **Pensando o sexo: Notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade.** Traduzido por Felipe Bruno Martins Fernandes e revisado por Miriam PillarGrossi,n/d.Disponível em:<<http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/gaylerubin.com>. Acessado em 21/09/2011.

SILVA, Rosimeri Aquino da e SOARES, Rosângela. **Juventude, escola e mídia.** In LOURO, Guacira Lopes [et al]. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Rio de Janeiro: Vozes: 2003

WEEKS Jeffrey. **O corpo e a sexualidade** In LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

WELZER – LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia.** Revista Estudos Feministas, v. 9, n. 2, 2001.